

FORMAÇÃO DOCENTE E A RELAÇÃO COM AS DESIGUALDADES SOCIAIS

Sabrina Trizotti Nunes¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o preparo docente frente às desigualdades sociais, ainda mais evidentes com o ensino remoto emergencial e o ensino híbrido referente aos anos de 2020 e 2021, devido à Pandemia que estamos vivendo. Com isso, analisaremos os dados coletados por meio de formulário com alguns professores tanto da rede básica de ensino público como também particular, verificando alguns dos questionamentos que melhor possamos observar a questão da desigualdade social, juntamente com as tecnologias e o preparo docente. Como resultados observamos como os professores são deparados com a questão de desigualdades sociais e ao perceberem tal situação, a solução é o diálogo tanto na sala de aula com os alunos, como também com todos os envolvidos da escola, de maneira que seja percebido a importância do respeito e da equidade na sociedade, assim sendo, através do artigo e do formulário é que notamos a questão da formação docente, juntamente com a relação das desigualdades sociais, envolvendo também as questões tecnológicas devido ao momento que estamos vivendo.

Palavras-chave: Formação Docente. Tecnologias Digitais na educação. Desigualdades Sociais.

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade social está presente não somente no Brasil, mas em todos os países, pois afeta a todos da sociedade de maneira que os recursos, financiamentos e melhoria de vida que seriam para todos, sejam restritos para algumas pessoas.

Estas diferenciações entre as pessoas e o descaso com o direito igualitário faz com estas pessoas menos favorecidas fiquem com necessidades, quanto à pobreza, a fome, o desemprego, que ocasiona a violência e o roubo, levando o país à precariedade.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia, participante do Programa de Iniciação científica da UNIFAMMA.

Podemos destacar como desigualdade social também fatores como dificuldade de acesso à escolarização, a qual algumas pessoas o têm de forma mais acessível, enquanto outras não tem esta oportunidade, acontecendo não só na educação, como também na saúde, na segurança, na cultura, enfim, fatores que deveriam ser básicos para a sobrevivência humana, mas que não são garantidos para todos.

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, nos traz em seu artigo 5º dos Direitos Fundamentais, no título II, a importância da defesa dos direitos iguais para todos, em que é destacado da seguinte maneira:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição. [...] (BRASIL, 1988, n.p.)

Presenciamos as desigualdades não somente durante o período de Pandemia do novo coronavírus, momento em que este artigo está sendo socializado, ou até mesmo neste século, mas sim desde o início da colonização do país, na qual os indígenas foram explorados quanto ao trabalho, comiam sobras e não tinham moradias decentes, em outras palavras, não havia o básico para se viver.

Aconteceu também na escravidão, em que as pessoas eram submetidas a situações precárias, como cita Teresa Sales (1994, p. 26):

No âmbito da sociedade escravocrata os homens livres e pobres, sujeitos ao favor dos senhores de terras, amesquinham-se na sombra de suas dídivas. A cultura política da dádiva sobreviveu ao domínio privado das fazendas e engenhos coloniais, sobreviveu à abolição da escravatura, expressou-se de uma forma peculiar no compromisso coronelista e chegou até nossos dias.

Como naquela época não havia um conhecimento formal e científico, acerca dos direitos, bem como sobre a igualdade, eles somente obedeciam e não criticavam e conseqüentemente não lutavam por seus direitos, como aconteceu em diversos momentos da história ao longo dos séculos subsequentes, entre XIX, XX e XXI, com os Movimentos Sociais, como por exemplo: Diretas Já, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Movimentos Feminista, Movimentos Ambientalista, entre outros.

Desta forma, podemos perceber como foi algo que não era conhecido e que não era defendido para melhoria de vida das pessoas. Com o passar dos tempos, entretanto, com a sociedade se modificando juntamente com a cultura, as pessoas passaram a pensar em se defender e lutar por seus direitos, sendo estruturados os

Movimentos Sociais, que se configuram como grupos de pessoas que pensam em defesa do ser humano e que lutam por um assunto em comum e assim fazem movimentos, reuniões, ações que discutem e buscam melhorias para a sociedade de forma igualitária e democrática, na qual todos tenham os mesmos direitos.

Essas expressões encerram acepções múltiplas, são altamente diversificadas e seguem os contornos pertinentes a cada cultura, bem como as fontes históricas da formação de cada identidade. Incorporam em seu nível mais básico, como, por exemplo, o feminismo e o ambientalismo. Mas incluem também ampla gama de movimentos reativos que cavam suas trincheiras de resistência em defesa de Deus, da nação, da etnia, da família, da região, enfim, das categorias fundamentais da existência humana milenar ora ameaçada pelo ataque combinado e contraditório das forças tecnoeconômicas e dos movimentos sociais transformacionais (CASTELLS, 2018, p. 50).

Contudo, mesmo com os movimentos sociais, a desigualdade, em seus diversos aspectos, permanece e pode ser percebida e observada nas diversas áreas da sociedade, inclusive no meio educacional. Este fato deflagrado é impulsionado em razão de condições econômicas, sociais, regionais, de gênero, raciais, enfim, por condições que classificam um grupo de pessoas e, de alguma forma, o marginaliza, o que gera preconceito e afastamento social destes grupos, o que pode ser percebido algumas vezes em sala de aula.

Com a pandemia do Covid-19, pudemos observar a evidência desta marginalização no meio educacional, devido à necessidade do uso de tecnologias digitais para mediar a educação neste período, a qual nem todos têm acesso, sobretudo grupos com menor poder aquisitivo. Em decorrência, muitos alunos foram excluídos do processo de ensino e aprendizagem, devido à falta de acesso a tecnologias digitais, por ter apenas um aparelho e vários alunos em uma mesma residência, ou até mesmo pelos responsáveis não conseguirem acompanhar o processo educativo da escola, sendo que as mesmas tiveram que se adaptar também a promover meios de disponibilizar atividades, para assim atender a demanda de alunos que tinham tal dificuldade relacionada as tecnologias digitais (STEVANIM, 2020).

A pandemia deixou ainda mais expostas desigualdades sociais já existentes em nossa sociedade e que leva ao descaso com a população, fazendo com que os direitos, que seriam igualitários para todos, com as mesmas condições básicas de vida, sejam precários e na maioria das vezes não aconteçam.

Diante disso, nos perguntamos se os professores se sentem preparados para lidar com as desigualdades sociais passíveis de serem enfrentadas em sala de aula, como as que foram acima representadas historicamente. Para isso, buscamos compreender nesta pesquisa quais são os tipos de ações tomadas pelo professor diante destas situações, se ele se sente preparado e capacitado para lidar com diferentes tipos de desigualdades na sala de aula, sobretudo a exclusão digital que enfrentamos por conta da pandemia do Covid-19, objetivos estes que pretendem ser melhor compreendidos no decorrer deste artigo.

2. PREPARO DOCENTE FRENTE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

As tecnologias digitais estão inseridas na sociedade desde a pré-história, com uma difusão maior no século XXI, momento em que as pessoas utilizam estas ferramentas no cotidiano, por meio de aparelhos, como os smartphones, televisão, tablets, notebooks, dentre outros.

A partir da evolução das tecnologias, a sociedade também se adaptou, utilizando-se delas em diversos ramos, como na economia, na comunicação, na transmissão de informações e inclusive no meio educacional.

Percebe-se, com a evolução da sociedade, que o uso de tecnologias digitais chegou à sala de aula, tanto da educação básica, como também no ensino superior, proporcionando aos docentes e discentes uma escola construtivista e inovadora, no qual proporciona-se aos alunos momentos de uso de tecnologias e suas ferramentas digitais, atendendo diversos assuntos e conteúdo, de maneira que seja consciente e ao mesmo tempo proporcionando o processo de ensino e de aprendizagem por meio de jogos digitais, de pesquisas em sites confiáveis, buscando conhecimentos científicos, entendendo que pode-se aliar as disciplinas com os diversos recursos tecnológicos.

Em síntese, a presença das TIC² tem sido investida de sentidos múltiplos, que vão da alternativa de ultrapassagem dos limites postos pelas “velhas tecnologias”, representadas principalmente por quadro-de-giz e materiais impressos, à resposta para os mais diversos problemas educacionais ou até mesmo para questões socioeconômico-políticas (BARRETO, 2004, p. 1183).

² TIC (Tecnologia da Informação e da Comunicação)

Para Chauí (1999), há uma relação existente entre o uso de tecnologias e o aumento das desigualdades sociais dentro do contexto escolar, tendo assim a exclusão digital, como aborda alguns autores, como: Benakouche (2003), Almeida et. al. (2005), Sorj e Remold (2016), dentre outros estudiosos que contribuirão para a pesquisa.

Um dos problemas que aprofundam ainda mais as assimetrias sociais e podem agravar situações de exclusão e marginalização é o professor não estar preparado para lidar com situações de adversidade, não bastando somente ter as tecnologias na sala de aula, mas saber como usá-la e como ensinar os alunos com estes meios, que podem ser didáticos também.

Tendo o conhecimento de que há documentos que abarcam e que trazem as tecnologias para a sala de aula, como no caso da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que traz algumas competências gerais para a educação básica que devem ser abarcados na sala de aula e assim propõe inclusive um tópico referente as tecnologias digitais:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2017, p. 9).

Há leis também que destacam a importância do trabalho das tecnologias na sala de aula, bem como a questão da igualdade de direitos, como podemos observar com o Conselho Nacional de Educação, resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, observando algumas Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Graduação Pedagogia Licenciatura, que destaca sobre como deve ser o preparo do professor/pedagogo nos cursos de licenciatura, destacando também sobre a questão das desigualdades.

IX - identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;

X - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras; (MEC, p. 2, 2006)

No ensino superior já está mais evidente na Educação a Distância, que é necessário o uso de tecnologias e suas ferramentas digitais, mas está inserido também nas aulas presenciais do ensino superior, em reprodução de slides, textos, vídeos e demais, utilizando assim as tecnologias para a reprodução.

Contudo, fica ainda mais evidente as desigualdades sociais e econômicas, no qual somente pessoas com condições melhores conseguem o acesso à educação por meio das tecnologias e os alunos que não conseguem tem mais dificuldade para estar realizando as atividades e tendo déficit no ensino e na aprendizagem.

Diante do exposto podemos perceber, como há falta de preparo dos profissionais da educação, dos ambientes educacionais e também descaso com a igualdade de direitos que deveriam ser cumpridos, mas que acontece na sociedade.

3. PANDEMIA E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

O docente tem um longo desafio para o ensino on-line e contra a desigualdade, contudo, ele deverá analisar a sociedade que está inserido, bem como a comunidade e conhecer seus alunos, para entender as dificuldades encontradas naquele meio, para que assim ele se capacite, pesquise e entenda uma melhor forma de atendê-los, para que possa ir em busca da igualdade no ensino, proporcionando aos alunos um contato com as tecnologias na sala de aulas.

Com a Pandemia, ficou mais evidente o uso de tecnologias e suas ferramentas, no qual desde a educação básica ao ensino superior, estão sendo utilizados estas tecnologias digitais, sendo na educação básica por meio de aulas remotas. Porém, os alunos ou responsáveis, acabam tendo que ir buscar apostilas nas escolas para poderem estar realizando as atividades propostas.

E com isso, é percebido a questão da desigualdade no uso das tecnologias digitais, sendo mais evidente neste tempo de Pandemia dos anos 2020 e 2021, com isso nos questionamos, se todos os professores e alunos possuem acesso a estas ferramentas tecnológicas. Podemos perceber através de reportagens e de documentários, como os alunos e docentes estão fazendo quando não tem estes acessos, nos questionando mais uma vez, de como poderão estudar em época de Pandemia e como poderão realizar as atividades e acontecer assim o ensino e a aprendizagem do conteúdo.

Como podemos observar na reportagem de Lima e Souza, da revista *Eu Estudante*, escrito em 2020, no qual a oficial da Unicef destaca o problema principal sobre o que está acontecendo na educação em época de Pandemia, destacando assim, sobre as desigualdades sociais:

Para a oficial de educação do Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (Unicef) no Brasil, Julia Ribeiro, a escola acaba reproduzindo as desigualdades que existem na nossa sociedade. “Esses dados são um reflexo estrutural de uma cultura de exclusão escolar. Os recortes que fazemos para entender esses resultados nos levam a fatores econômicos e escolaridade dos pais, questões estruturais na nossa sociedade que também são aplicadas nas salas de aula”, esclarece (LIMA, SOUZA, 2020, n/p).

Há também, a evasão de alunos na educação, no qual desistem de estudar devido as dificuldades encontradas, e assim decidem não estudar mais, ocorrendo as desistências nas aulas e a pouca participação por parte dos alunos durante as aulas, como podemos observar através da reportagem da BBC, como foram afetados os alunos com a Pandemia, sendo comentado por Souza:

De acordo com um levantamento do Unicef, o Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância, em novembro de 2020, quase 1,5 milhão de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos não frequentavam a escola (remota ou presencialmente) no Brasil. Outros 3,7 milhões de estudantes matriculados não tiveram acesso a atividades escolares e não conseguiram estudar em casa (BBC, SOUZA, 2021, n/p).

Assim, vemos ao longo da Pandemia alunos que vão em lugares que tem internet grátis, para tentar assistir aula ou ainda tentar realizar atividade, e temos pessoas que não conseguem ter este acesso e nem aos aparelhos para estar realizando o que os docentes propõem, acontecendo assim a exclusão destes alunos.

Ao passo que são apregoadas novas possibilidades, como a superação do visor digital, é instituída, com base na sua própria ressignificação, uma espécie de *apartheid* educacional em escala planetária. Ao passo que o discurso trata da democratização do acesso, as práticas sociais evidenciam que essa espécie de linha divisória entre os incluídos e os excluídos não diz respeito a acesso ou ausência de acesso, mas aos modos como ele é produzido e aos sentidos de que é investido (BARRETO, 2004, p. 1190).

E a Pandemia deixa ainda mais claro a questão de desigualdade social presente na sociedade brasileira, tendo assim a separação de pessoas que tem acesso e pessoas que não tem acesso, tendo condições diferentes um do outro,

estando presente não somente em uma parte do país, mas no país inteiro e contendo a falta de oportunidades as pessoas mais carentes, não tendo condições para muitas das vezes participar das aulas.

Diante deste cenário, é preciso que o professor tenha condições de se preparar para a utilização das tecnologias digitais, para acompanhar as mudanças da era digital e propor dentro do espaço de sala de aula a inovação. Será preciso pensar em como utilizá-las nas aulas, tendo o intermédio das tecnologias para promover aprendizagem, de forma que o docente seja um mediador, facilitador e incentivador entre os assuntos e os conteúdos sobre os quais os alunos tendem a conhecer, e a buscar aprender e conhecer ainda mais, com o acesso às tecnologias digitais, promovendo práticas para o uso e destacando a conscientização sobre o modo de utilizar estas tecnologias no cotidiano da sala de aula e da sociedade.

4. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Percurso metodológico

Para atingirmos os objetivos propostos, organizamos, como instrumento de coleta dos dados, um formulário online com 22 questões dissertativas e objetivas para aplicar a professores de todo o Brasil, processo autorizado a ser realizado pelo Comitê de Ética, sob CAAE nº 45365321.5.0000.8036.

Os critérios de inclusão foram professores da rede pública e privada, tanto da educação básica quanto superior, que tivessem exercido suas atividades docentes durante a pandemia do COVID-19 e tivessem aplicado o Ensino Remoto Emergencial.

Respostas foram obtidas apenas de 5 estados, sendo eles Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, por 14 docentes.

Diante dos questionamentos analisaremos, a ação do docente frente às desigualdades, bem como sua formação e preparo para elas, e os impactos da pandemia do novo coronavírus quanto à exclusão de muitos alunos do processo educacional, cenário que enfrentamos nos anos de 2020 e 2021, com aulas remotas emergenciais, bem como em aulas presenciais.

Nestas 22 questões, selecionamos algumas para analisarmos e que serão fundamentais para a nossa análise referente ao tema e aos objetivos propostos.

Perfil dos participantes da pesquisa

Inicialmente, questionamos sobre a modalidade da formação do profissional, se presencial ou a distância, sendo assim 92,9% responderam para presencial e 7,1% para à distância.

Perguntamos se o profissional leciona na educação básica ou superior, sendo 92,9% na educação básica e 7,1% no ensino superior e em qual turma que trabalha, tivemos respostas de 8 pessoas na educação infantil, 1 pessoa em curso técnico, 1 pessoa no ensino fundamental anos iniciais, 1 pessoa que atua no ensino médio, técnico, superior e na pós-graduação, 1 pessoa formada em licenciatura de Física e 2 pessoas Secretaria da Educação.

Formação docente

Questionamos a pessoa, se ele(a) teve formação para lecionar presencialmente e a distância ou até mesmo por meio remoto, sendo que 57,1% responderam que não, 28,6% responderam mais ou menos e 14,3% que sim.

Tendo a maioria respondido não, podemos notar uma falha aqui, no qual estes profissionais deveriam ter um preparo para quando se deparar com tal trabalho, estarem ciente sobre ações e estratégias de como trabalhar no ensino a distância e conhecendo o ensino remoto por meio do uso das tecnologias digitais e suas ferramentas, pensando também, nos diversos meios de lecionar, de se preparar a aula atendendo a todos os alunos, pensando também nos conteúdos de educação não-escolar que tivemos contato nas graduações de licenciatura e que nos deram um apoio para quando necessitarmos termos tais conhecimentos, como neste caso das aulas remotas emergenciais.

Na próxima pergunta, questionamos se na formação foi debatido sobre as desigualdades sociais na educação, com isso 50% responderam que sim, 28,6% responderam que não e 21,4% responderam outro/parcialmente.

Quanto aos conhecimentos de legislação, indagamos se o profissional conhece alguma lei referente às desigualdades sociais na educação, sendo assim 57,1% responderam que sim, 35,7% que não e 7,1% outro/parcialmente.

Foram questionados se ao longo da carreira houveram debates, formações ou capacitações referentes às desigualdades sociais na sala de aula, os participantes responderam 78,6% que sim, 7,1% que não e 14,3% que outro/parcialmente.

Com a questão sobre os debates, formações e capacitações referentes as desigualdades nas salas de aula, a maioria falou que já participaram, sendo um ponto

positivo, para assim quando o professor se deparar com tal dilema saber como trabalhar, como planejar, ou até mesmo como abordar os seus alunos, sobre as dificuldades, sobre as diferenças e o respeito mútuo.

Ação docente frente às desigualdades

Questionamos os profissionais se, ao se deparar com alguma situação de desigualdade social na sala de aula, que tipo de ação pedagógica eles adotariam como professor, tivemos algumas respostas, como: diálogo, reflexão e discussão sobre o tema, pensando tanto na relação inversa, na roda de conversa, também destacar os direitos e deveres de todos, para trazer a questão de empatia, de equidade, tendo alguns professores que destacaram a adaptação de abordagem para superar as dificuldades, o atendimento individual, o contato com a família e encaminhamento aos órgãos de apoio.

Para que haja a intervenção do docente ao presenciar a desigualdade nas aulas, este deve estar preparado e sabendo qual ação poderá fazer como professor para destacar a importância do respeito mútuo, e assim promover momentos de debate e reflexão sobre tal assunto, fazendo com que os alunos se questionem e reflitam sobre a ação, o que pode provocar nos colegas e pensando no que poderia fazer para mudar a realidade da sociedade sobre as desigualdades, destacando ao aluno os direitos e deveres que cada pessoa tem, trazendo a importância da igualdade entre todos, para assim superar a dificuldade encontrada pelo professor e pelos alunos para transformar a realidade da sociedade e a visão de cada um sobre o assunto.

O contexto da pandemia e o digital

Indagamos, se as desigualdades sociais estão presentes na educação atualmente, levando em conta a Pandemia, tendo 92,9% que concordaram totalmente e 7,1% concordando parcialmente e com a próxima pergunta indagamos se já se depararam com a questão da desigualdade na sala de aula, tendo 100% respondido que sim.

Haja vista a importância da escola, dos docentes e toda a equipe pedagógica conhecer a realidade de seus alunos, de sua comunidade escolar para poder incluir meios para o combate à exclusão social, cultural ou de qualquer forma de desigualdade para assim proporcionar a igualdade de direitos na educação, porém

com o questionamento referente a preocupação das escolas sobre a realidade de seus alunos a maioria respondeu que concordam parcialmente sobre tal atitude das escolas, no qual podemos compreender que há escolas que conhecem os seus alunos, seus familiares, a realidade de sua comunidade e há escolas não tem o interesse, mesmo diante da relevância de se conhecer a comunidade escolar.

Ao questionarmos, se as desigualdades estão presentes na educação atualmente, inclusive devido a Pandemia, com as aulas remotas emergenciais, a maioria dos profissionais responderam que concordam totalmente, assim sendo percebemos através da realidade atual, de noticiários e demais meios, como os alunos e seus familiares não têm os devidos meios tecnológicos e nem acesso a internet, para participar das aulas, não tendo na maioria das vezes condições para adquirir tais aparelhos para que seus filhos estudem e as escolas tendo que se reinventar dia após dia para inserir seus alunos nas aulas, chegando ao próximo questionamento, se estes profissionais já se depararam com as desigualdades na sala de aula, tendo 100% respondido que sim.

Analisando com a visão acerca do ensino remoto, devido a Pandemia, questionamos se foi um desafio do professor para lidar com as aulas remotas emergenciais, sendo que 92,9% responderam que sim e 7,1% como mais ou menos. Questionamos também se a maioria dos alunos estão participando, tendo 50% respondido que concorda parcialmente, 28,6% discordando parcialmente e 21,4% discordando totalmente.

Foram questionados se com a educação remota, os alunos estão tendo dificuldades, 57,1% concordaram totalmente, 35,7% concordaram parcialmente e 7,1% disseram que não se aplica.

Perguntamos se estão percebendo a questão da desigualdade, tanto social, econômico, como cultural na realização das atividades pelos alunos, sendo que 64,3% responderam que concordam totalmente e 35,7% concordaram parcialmente.

Com os questionamentos e as respostas dos profissionais da educação acima destacados, podemos entender que realmente os docentes tiveram e ainda estão tendo dificuldades com a adaptação de aulas remotas emergenciais, sendo um desafio para todos e que tiveram que se adaptar para atender a nova realidade, proporcionando uma educação que vise o melhor para os alunos. Porém nem todos participam das aulas, tendo mais dificuldade para o alcance do docente, para poder auxiliar estes alunos em suas dificuldades e nos seus desenvolvimentos, ocasionando

assim privação dos processos de aprendizagens pelos próprios alunos e seus familiares, sendo notado algumas vezes através até das atividades, notando assim a desigualdade cultural, social, econômica que reforçam ainda mais a questão da exclusão na educação neste período de Pandemia.

As desigualdades estão presentes em toda a sociedade, independente de qual área seja, e com isso podemos notar até na educação, por parte dos próprios alunos que excluem alguns de seus colegas de sala, até mesmo por parte dos profissionais da educação, como observamos através do formulário, no qual a maioria concorda conscientemente que, de forma parcial, há a diferenciação entre alunos por parte dos profissionais. É preciso que entendam que não basta somente os alunos terem em mente a questão da igualdade de direitos, e do respeito mútuo, mas os profissionais também, pois os alunos se assemelham aos adultos, observando e realizando ações que estes fazem no seu cotidiano.

Conclusão

Acerca do objetivo da pesquisa que é, o de conhecer e refletir sobre o preparo e os desafios da profissão docente frente as desigualdades sociais para o ensino on-line, conseguimos compreender ao longo do artigo e das pesquisas realizadas a abordagem da importância deste preparo docente, tanto na graduação de licenciatura, como através da formação continuada, para que o professor esteja capacitado e preparado para debater e entender as desigualdades na sala de aula e na sociedade, levando em conta a educação on-line, através do uso das tecnologias digitais, tendo algumas das vezes a exclusão digital devido ao fato dos familiares não terem os recursos necessários, acontecendo assim a desigualdade e tendo o professor o papel fundamental de buscar alternativas para atender estes alunos.

Portanto, sobre o que questionamos no início da pesquisa, a respeito dos professores sentirem-se preparados para lidar com as desigualdades sociais passíveis de serem enfrentadas em sala de aula, podemos concluir que estes profissionais são preparados em suas graduações de licenciatura, e em formações continuadas, para que tenham ações e estratégias para abordar a questão das desigualdades, de maneira que seja discutido com os alunos tal questão existentes na escola e além dela, fazendo com que os alunos possam refletir criticamente de maneira que entendam a importância de se batalhar para conquistar os direitos de igualdade entre todos.

Em relação às tecnologias digitais, conseguimos ao longo do artigo compreender, como o acesso pode ser restrito por algumas pessoas, por aquelas que não tem condições econômicas de adquirir estes recursos, que foram necessários durante a Pandemia para os alunos de escolas públicas e particulares, sendo necessário o uso destas tecnologias digitais para continuar estudando e tendo o mesmo acesso que os demais, porém a realidade é outra, sendo necessário as escolas se redobrem para impressão dos materiais para serem entregues as famílias que não tem estes aparelhos tecnológicos e para que estas crianças possam continuar estudando e não ter seu processo de ensino e aprendizagem afetados.

A partir dos resultados alcançados conseguimos através dos questionários e das pesquisas através do artigo compreender a importância da formação docente, de seu preparo e qualificação para abordar a questão das desigualdades na sala de aula, para que possa entender o seu aluno e lutar pelas mesmas condições entre eles, proporcionando a qualidade na educação e que através das aulas remotas emergências os direitos de continuar estudando, passou a ser afetado devido a falta de recursos tecnológicos para os familiares, mas que houveram escolas e professores dispostos a buscar meios de aprendizagem para que eles alunos que foram excluídos tecnologicamente continuassem estudando e aprendendo.

REFERÊNCIA

BARRETO, Raquel Goulart. **Tecnologia e educação: trabalho e formação docente**. Educação & Sociedade, v. 25, p. 1181-1201, 2004.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Dos Direitos e Garantias Fundamentais: Dos direitos individuais e coletivos. Brasil: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 maio 2021.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. *E-book*.

CASTELLS, Manuel; ESPANHA, Rita. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2007.

LACERDA, Pilar. As desigualdades educacionais no Brasil: enfrentando-as a partir da escola. Disponível em:

<<https://educacaointegral.org.br/reportagens/desigualdades-educacionais-no-brasil/>>. Acesso em: 10 maio 2021.

LIMA, Bruna; SOUZA, Carinne. Pandemia evidenciou desigualdade na educação brasileira. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2020/12/4897221-pandemia-evidenciou-desigualdade-na-educacao-brasileira.html>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

GUZZO, Raquel Souza Lobo e EUZEBIOS FILHO, Antonio. Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora. *Escritos educ.* [online]. 2005, vol.4, n.2, pp. 39-48. ISSN 1677-9843.

PORFÍRIO, Francisco. "Movimentos sociais"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/movimentos-sociais-breve-definicao.htm>. Acesso em 13 de maio de 2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A origem da desigualdade entre os homens**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

SALES, Teresa. Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 25, n. 9, p. 26-37, 1994.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e estado**, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.

SEABRA, Teresa. Desigualdades escolares e desigualdades sociais. 2009.

SIMÕES, Renata Duarte. Os impactos da pobreza na educação escolar. Disponível em: <<http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/os-impactos-da-pobreza-na-educacao-escolar/>>. Acesso em: 10 maio 2021.

SOUZA, Felipe. Ensino remoto na pandemia: os alunos ainda sem internet ou celular após um ano de aulas à distância. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/03/ensino-remoto-na-pandemia-os-alunos-ainda-sem-internet-ou-celular-apos-um-ano-de-aulas-a-distancia.ghtml>>. Acesso em: 13 de jun. 2021.

SPADER, Jussára. Tecnologia digital: incorporação às práticas docentes. 2012.

STEVANIM, Luiz Felipe et al. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. 2020.